

MERCADO FINANCEIRO

MOEDAS DÓLAR - Compra: R\$ 4,99 -- Venda: R\$ 4,99 -- Variação: -0,09 EURO: 5,27  
BOLSAS IBOVESPA - Variação: 0,66% -- Pontos: 113.572,66 DOW JONES (NOVA YORK): -0,54%

OUTROS ÍNDICES (Setembro)

SELIC: 12,75% IPCA: 0,26% IGP-M FGV: 0,37%  
OURO BM&F: 304,80 INPC: 0,11%

Índices Econômicos  
www.sppe.org.br  
S P P E  
SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE PLANEJAMENTO EMPRESARIAL (SPPE)

NEM 8,

Nem 80

A Economia em Foco



Alfredo Bertini

A Dissimulação Social Fez Valer o Auge da Decadência Econômica

Um novo conflito bélico se instalou no Oriente Médio, mas a guerra urbana brasileira tem sido algo mais presente e preocupante, haja vista o silêncio dissimulado de boa parte da sociedade brasileira. Com tal conduta, a insegurança pública se generalizou diante do efetivo fracasso de décadas de políticas ineficazes.

Por tais motivos, escrevo meio que amargurado sobre um Rio de Janeiro que continua lindo, mas que carrega um peso enorme nos ombros: a solidez de uma decadência variada e implacável. De fato, parte dos fluminenses e cariocas têm convivido com o fracasso de uma realidade econômica imposta por um quadro generalizado de insegurança pública, sobretudo nesse fim de quarto de século.

Claro que preferiria tratar aqui de um Rio ainda resistente no meu imaginário civil. Aquele da cadência do samba e de outros tantos valores socioculturais, capazes de restaurarem o sentido próspero e amistoso do "Rio maravilhoso". No entanto, ousado aqui, pela minha liberdade de opinião, tratar da decadência de um território que já foi referência. Afinal, há um pouco de DNA do Rio em incontáveis brasileiros. Assim imagino e por isso exerço minha ousadia opinativa.

Para esse meu intento de melhor compreender a magnitude de tal decadência, com um mero olhar econômico, confesso que fui impactado por uma das matérias jornalísticas sobre a escalada de insegurança e violência que se deu nesta semana. Aprendi nas bancas escolares do velho ginásio, a Geografia do mapa político que bem define os territórios dos municípios e das unidades federativas. Agora, a Geografia prevalente dos territórios passou a ser ditada, no caso específico do Rio de Janeiro, pelo campo de ação do tráfico de drogas e das milícias. Uma aberração que bem define dois contextos: o controle do poder (divisão entre traficantes e milicianos) e a consolidação da fragilidade das políticas públicas (transferida do Estado Desgovernado para o Crime Organizado). Um processo de validação social que, por ter agido de modo silencioso, transigente e dissimulado, proporcionou a conquista de uma decadência, singular na contundência e plural na abrangência.

Estudos e pesquisas não faltaram para apontar que o caos socioeconômico é algo tangível. Da UFRJ à FGV, com incursões que expuseram estudos até da FIRJAN, as questões sociais e econômicas do RJ contaram com diferentes e importantes análises.

Exemplos? Para se considerar a dimensão do fracasso econômico consumado neste século até mesmo argumentos estruturais, que remontam explicações que vêm dos anos 60, foram muito bem postos em discussão. Nesse contexto, são válidas as considerações sobre as perdas com a transferência do distrito federal em 1960, quando Brasília se apresentou como a nova capital do País. Em seguida, a perda territorial do antigo Estado da Guanabara traduziu-se também como fato relevante desse processo de decadência (1974).

Somem-se ainda os problemas que vieram com a crise do petróleo (a partir de 1973), a sucessão de governos clientelistas e submetidos aos processos judiciais e, por fim, o desenlace dos efeitos da operação Lava-jato, sobre a PETROBRAS e as empreiteiras (algumas sediadas no Rio). Tudo isso teve - e ainda tem - um enorme significado econômico que agiu como catalisador dessa brutal decadência. Porém, no meu simples entendimento, nada revelou - e ainda revela - um poder tão trágico quanto a violência e a insegurança promovidas pelos efeitos do tráfico de drogas e das milícias. Funções de uma potência avassaladora, a ponto de se atraírem nos propósitos de poder e dominação, após deixarem para trás as divergências confrontacionistas. É o que se chama hoje de "poder narco-miliciano".

O fundo do poço para o RJ não só adquiriu essa configuração, como tem-se mostrado assustador. É que o dueto violência e insegurança tem contribuído enormemente para afugentar investimentos. Afinal, nesse auge da decadência econômica, o impacto social sobre a geração de empregos e rendas têm um preço a pagar muito elevado.

E se o poder do Estado não é mesmo capaz de controlar a geografia da divisão política do território que tem para administrar, o que dirá convencer a população, os turistas, os investidores e quem quer que queira usufruir do RJ de que o ambiente para convívio das relações sociais e econômicas está estabilizado?

O desafio da superação envolve muita munição. Só que de inteligência.

@alfredobertini87

alfredobertini2017@gmail.com

A coluna Nem 8 nem 80 é publicada de quartas e sextas.



ALF RIBEIRO/FOLHAPRESS/ARQUIVO

A moagem já alcançou, até o mês de setembro, 16,48 milhões de toneladas no Norte/Nordeste do País

Uma prévia dos números da safra 2023/2024 da NovaBio mostrou que os resultados até setembro deste ano estão bem acima ao do período anterior

# Safra da cana já registra alta de 10%

TARSILA CASTRO

A Associação de Produtores de Açúcar, Etanol e Bioenergia (NovaBio) - que reúne empresas do setor - divulgou o levantamento técnico prévio de moagem das usinas do Norte e Nordeste na safra 2023/2024. No acumulado até 30 de setembro, houve a moagem de 16,48 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, volume 10,2% superior ao registrado no mesmo período da safra passada, quando foram processados 14,96 milhões de toneladas.

A atual safra segue até março do ano que vem. "A gente sente que o verão agora está se segurando, ou seja, está tendo continuidade e com isso a moagem continua principalmente no litoral do Nordeste que envolve, sobretudo, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, e Alagoas, Sergipe e Bahia", comentou o presidente-executivo da NovaBio e presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado de Pernambuco (Sindaçúcar-PE), Renato Cunha. No período analisado, as 16,48

milhões de toneladas de cana-de-açúcar resultaram em cerca de 599 mil toneladas de açúcar, o que representa um crescimento de 19,8%. Na safra passada, o número chegou a 500 mil toneladas. Além disso, foram produzidos 812,7 milhões de litros de etanol, 4,6% a mais do que os 776 milhões de litros da safra 2022/2023.

## Equação financeira

"A produção de açúcar tem sido maior porque o mercado neste momento está segurando uma equação financeira mais estável, já que o etanol sofre problemas de regulação por parte do Governo Federal. O açúcar, nesse momento, sinaliza uma cadência de produção mais rápida, também por conta do verão no Nordeste que se instalou e é mais propício, inclusive, para a fabricação também do açúcar", disse Cunha.

Segundo o presidente do Sindaçúcar, a safra do Norte e Nordeste tem uma perspectiva de repetir os números do ano passado. Na safra

2022/2023, no total, cerca de 62 milhões de toneladas de cana foram processadas, resultando em 3,3 milhões de toneladas de açúcar e 2,3 bilhões de litros de etanol. No acumulado até o final de setembro, a atual safra representa 27% do cronograma de trabalho previsto para 2023/2024.

## Nível de empregabilidade

"É importante para o cenário como um todo essa contribuição para a descarbonização que o etanol produzido no Nordeste faz, e também os empregos gerados com essa movimentação das exportações de açúcar. No mercado interno de açúcar e etanol são números bastante significativos em termos de empregabilidade, não só pelas usinas diretamente, mas também em inúmeros municípios". ressaltou Renato Cunha. A estimativa é que cerca de 280 mil empregos diretos sejam gerados em todo o Norte e Nordeste. Com relação aos empregos diretos e indiretos, o número chega a 900 mil.